

CCB

BACH NO CAFÉ
LUDOVICE
ENSEMBLE

13 OUT 24



**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Ciclo Concertos Comentados
Pequeno Auditório
Dom, 11h
M/6

JOHANN SEBASTIAN BACH (1685–1750)

Ouverture n.º 2 BWV 1067

Ouverture

Rondeau

Sarabande

Bourrée I & II

Polonaise

Menuet

Badinerie

Concerto Brandeburguês n.º 5 BWV 1050

Allegro

Affettuoso

Allegro

[Cantata do Café] Schweigt stille, plaudert nicht BWV 211

Recitativo (Tenor): *Schweigt stille, plaudert nicht*

Ária (Baixo): *Hat man nicht mit seinen Kindern*

Recitativo (Soprano, Baixo): *Du böses Kind, du loses Mädchen, Ach!*

Ária (Soprano): *Ei! wie schmeckt der Coffee süße*

Recitativo (Soprano, Baixo): *Wenn du mir nicht den Coffee läßt*

Ária (Baixo): *Mädchen, die von harten Sinnen*

Recitativo (Soprano, Baixo): *Nun folge, was dein Vater spricht!*

Ária (Soprano): *Heute noch, lieber Vater*

Recitativo (Tenor): *Nun geht und sucht der alte Schlendrian*

Trio (Soprano, Tenor, Baixo): *Die Katze läßt das Mäusen nicht*

Barítono (*Senhor Schendrian, o pai*) **Hugo Oliveira**

Soprano (*Liesgen, a sua filha*) **Eduarda Melo**

Tenor (*Narrador*) **André Lacerda**

Cravo, direção artística e comentários **Fernando Miguel Jalôto**

Encenação **Jean-Denis Monory**

Ludovice Ensemble

Traverso **Joana Amorim**

Violino I **Jacek Kurzydło**

Violino II **Ana Carvalho**

Viola **Miriam Martins**

Violoncelo **Diana Vinagre**

Contrabaixo **Marta Vicente**

BACH NO CAFÉ

Os seis concertos ditos «Brandeburgueses» são indubitavelmente uma das colecções mais populares de obras de Johann Sebastian Bach. No contexto da obra de um compositor frequentemente visto como um intelectual dogmático, obstinado com estruturas *cerebrais*, elaborações teóricas, e simbologias místicas, estes concertos surgem como uma lufada de ar fresco, um cintilar de bom humor, uma evocação sonora daquele tão jubiloso Barroco do centro e sul da Alemanha, com igrejas e palácios peçados de anjinhos de estuque e pinturas a fresco em tons pastel. Escritos em Köthen quando Bach servia como *Kapellmeister* do príncipe Leopoldo de Anhalt-Cöthen (uma função que exigia sobretudo a produção de música de câmara para os entretenimentos da Corte), foram seleccionados — de entre um muito maior conjunto de obras (muitas das quais hoje desaparecidas ou sobrevivendo sob a forma de paródias e arranjos) para serem apresentadas ao *Margrave* de Brandeburgo Cristiano Luís, com vista à obtenção de uma nova posição. Sob o lacónico título de *Concerts à plusieurs instruments*, foram remetidos em 1721 ao Marquês, acompanhados de uma dedicatória em francês. Que o manuscrito, hoje preservado em Berlim, tenha ficado intocado nos arquivos de família até 1734, e tenha sido depois vendido, não se deveu a ignorância, desprezo ou incompreensão da «genialidade» do compositor. Simplesmente Bach estava mal informado sobre as verdadeiras capacidades do estabelecimento musical disponível, que era demasiado pequeno e sem a variedade instrumental indispensável à interpretação das obras.

O **Concerto V** é um concerto para cravo, flauta traversa e violino «principal», acompanhados por um repleto constituído por um violino, viola e contínuo. É frequentemente considerado o primeiro concerto para tecla da história, mas é igualmente um dos primeiros concertos para flauta transversal. É a primeira vez que Bach escreve para este instrumento e fá-lo de forma tímida, ainda que eloquente, sobretudo no andamento lento (*Affetuoso*), um *Quatuor* ao gosto de Telemann, com evocações claras do gosto francês. O virtuosismo está reservado para o cravo — ou não tivesse a obra sido composta para a inauguração em 1719 de um magnífico instrumento construído pelo célebre Michael Mietke. A cadência do primeiro andamento era inicialmente mais curta, e foi mais tarde substituída pela que conhecemos actualmente, fruto da improvisação do grande mestre. O último andamento é uma combinação curiosa e complexa entre Concerto, Fuga, Giga e Ária da *Capo* numa típica demonstração *Bachiana* de simbiose formal e estilística. Este concerto motivou posteriormente a escrita (ou adaptação) dos vários concertos para um, dois, três e quatro cravos, já nos anos de Leipzig, sendo ainda

o modelo directo do triplo concerto em Lá menor BWV 1044, e destinados ao Café Zimmermann – o estabelecimento que acolhia o Collegium Musicum de Leipzig, uma orquestra semiprofissional fundada por Telemann em 1702 e que Bach dirigiu entre 1729 e 1737.

A **Overture em Si menor** com flauta concertante datará de 1738/39 e destinou-se seguramente a ser apresentada no Café Zimmermann. Terá existido numa versão primitiva unicamente para cordas. A única excepção é o *Double* da *Polonoise* que, ao que tudo aponta, não existia na versão original, e foi apenas acrescentado por Bach na versão definitiva para flauta, exactamente para dar ao novo instrumento solista uma possibilidade para se ouvir mais distintamente a solo. E, de facto, este *Double*, num incrível *tour de force* contrapontístico, utiliza a mesma melodia da *Polonoise* original, mas agora confiado ao baixo contínuo, enquanto o solista elabora uma série de complexas figurações de sabor indiscutivelmente flautísticas, semelhantes aos abundantes e complexos solos para traverso nas árias das cantatas e outras obras vocais sacras. Esta dança era uma introdução recente no repertório de danças de corte europeias, popularizada na Saxónia devido ao facto do Eleitor ser também Rei da Polónia, e em França devido à esposa polaca de Luís XV, a rainha Maria Leszczyńska. Se o *Rondeau* desta *Overture* não é mais do que uma terna e bem francesa *Gavotte*, já a *Sarabande* regressa à complexidade polifónica típica de Bach, ao ser escrita como um rigoroso cânone à quinta inferior (ou *in diapente*) entre a melodia e o baixo. O título da popular *Badinerie* parece ser uma derivação – um pouco heterodoxa – do verbo francês *badiner* (brincar, gracejar, troçar) e indica assim um andamento ligeiro com um carácter divertido, mesmo humorístico. Trata-se, pois, não tanto de uma dança, mas antes de uma «*pièce de caractère*» ao gosto francês. Telemann incluiu uma *Badinage* numa das suas *ouvertures*, e conhecemos também a famosa *Badinage* de Marin Marais para viola da gamba solo.

A **Cantata do Café**, nome pelo qual é vulgarmente conhecida a miniatural ópera cómica (ou *intermezzo*) de J. S. Bach *Schweigt stille, plaudert nicht* BWV 211, foi composta entre 1732 e 1735. Foi estreada no já várias vezes mencionado Café Zimmermann, servindo como uma espécie de «*spot publicitário*». O divertido libreto de Christian Friedrich Henrici, dito Picander (um dos principais libretistas das cantatas sacras de Bach) versa sobre a adição – ou mesmo obsessão – da jovem Lieschen («*Isabelinha*») pelo café, uma bebida que então se começava a divulgar na Europa, na sequência dos contactos com os Otomanos, e sobretudo a partir do cerco de Viena em

1683. Lieschen confessa que o café lhe é «mais querido que mil beijos, mais doce que o vinho Moscatel». O pai, Herr Schlendrian («Senhor Molengão»), procura afastar a filha deste vício, prometendo-lhe, em troca, um marido. Lieschen concorda com a troca, mas secretamente revela que só casará com um pretendente que ame o café com um fervor tão grande quanto o dela.

Para quem conhece e admira Bach sobretudo pelo desafio intelectual das fugas e cânones, ou pela elevação mística das Paixões e Cantatas, pode sentir-se ludibriado pela *joie de vivre* e pela quase frivolidade com que ele nos brinda nestas obras. Mas não pensemos que estas são, de alguma forma, superficiais ou imaturas. Tão pouco são obras experimentais ou de juventude. Antes revelam um conhecimento profundo e experimentado das mais recentes inovações formais italianas; cada linha é cinzelada em cuidado contraponto, ao gosto germânico; e cada ornamento exprime delicada, mas conscientemente, um afecto preciso, seguindo o estilo francês. São obras de síntese, em que Bach demonstra o seu profundo conhecimento e domínio de diferentes formas e gostos: desde a ópera *buffa* italiana de Pergolesi aos concertos venezianos de Vivaldi, e das *ouvertures* e danças francesas de Lully e Campra às obras concertantes do seu amigo e contemporâneo Telemann. Tudo isto elaborado e combinado de uma forma ideal, tal como defendiam Quantz, com o seu «estilo misto», e Couperin, nos seus «gostos reunidos». É neste compêndio estilístico e formal tão complexo, e mesmo num contexto tão descontraído e convivial, que o génio criativo de Bach verdadeiramente se distingue.

Fernando Miguel Jalôto

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

JOHANN SEBASTIAN BACH

SCHWEIGT STILLE, PLAUDERT NICHT BWV 211

Libreto de Christian Friedrich Henrici (Picander)

Schweigt stille, plaudert nicht

Recitativo: Narrador

Schweigt stille, plaudert nicht
Und höret, was itzund geschicht:
Da kömmt Herr Schlendrian
Mit seiner Tochter Liesgen her,
Er brummt ja wie ein Zeidelbär;
Hört selber, was sie ihm getan!

Façam silêncio, calem-se!
e ouçam o que se está a passar:
aí vem o Senhor Schlendrian
com a sua filha Liesgen;
ele rosna como um urso do mel;
escutem o que ela lhe fez!

Ária: Senhor Schlendrian

Hat man nicht mit seinen Kindern
Hunderttausend Hudelei!
Was ich immer alle Tage
Meiner Tochter Liesgen sage,
Gehet ohne Frucht vorbei.

Não temos sempre com os nossos filhos
cem mil aborrecimentos!
Aquilo que todos os dias
digo à minha filha Liesgen,
entra-lhe por um ouvido,
e sai-lhe pelo outro.

Recitativo: Senhor Schlendrian & Liesgen **Senhor Schlendrian**

Du böses Kind, du loses Mädchen,
Ach! wenn erlang ich meinen Zweck:
Tu mir den Coffee weg!

Filha má, moça rebelde,
oh! Se eu conseguisse o meu intento:
que te livrasses do café!

Liesgen

Herr Vater, seid doch nicht so scharf!
Wenn ich des Tages nicht dreimal
Mein Schälchen Coffee trinken darf,
So werd ich ja zu meiner Qual
Wie ein verdorrtes Ziegenbrätchen.

Senhor pai, não seja tão duro!
Se três vezes ao dia
não puder beber a minha xícara de café,
fico tão angustiada
que pareço um pedaço de carne de
cabra seca.

Ária: Liesgen

Ei! wie schmeckt der Coffee süße,
Lieblicher als tausend Küsse,
Milder als Muskatwein.
Coffee, Coffee muss ich haben,
Und wenn jemand mich will laben,
Ach, so schenkt mir Coffee ein!

Oh! Como o sabor do café é doce,
mais adorável que mil beijos,
mais suave que o vinho moscatel.
Café, o café preciso de tomar,
e, se alguém me quiser agradar,
ah, então sirva-me um café!

Recitativo: Senhor Schlendrian & Liesgen

Senhor Schlendrian

Wenn du mir nicht den Coffee lässt,
So sollst du auf kein Hochzeitfest,
Auch nicht spazierengehn.

Se não deixares de tomar café
então nunca mais irás a uma festa de
casamento,
nem sairás a passear.

Liesgen

Ach ja!
Nur lasset mir den Coffee da!

Pois, sim!
Desde que me deixe com o meu café!

Senhor Schlendrian

Da hab ich nun den kleinen Affen!
Ich will dir keinen Fischbeinrock nach itzger
Weite schaffen.

Que raposinha matreira!
Pois não te comprarei uma saia em tecido
espinhado, à última moda.

Liesgen

Ich kann mich leicht dazu verstehn.

Aceito isso perfeitamente.

Senhor Schlendrian

Du sollst nicht an das Fenster treten
Und keinen sehn vorübergehn!

Não irás mais para a janela
e não verás ninguém passar na rua!

Liesgen

Auch dieses; doch seid nur gebeten
Und lasset mir den Coffee stehn!

Também isso dispenso; mas, por favor,
peço-lhe, deixe-me o café!

Senhor Schlendrian

Du sollst auch nicht von meiner Hand
Ein silbern oder goldnes Band
Auf deine Haube kriegen!

Nunca mais receberás da minha mão
uma fita de prata ou ouro
para colocares no teu chapéu!

Liesgen

Ja, ja! nur lasst mir mein Vergnügen!

Sim, sim! Deixe-me apenas o meu prazer!

Senhor Schlendrian

Du loses Liesgen du,
So gibst du mir denn alles zu?

Ária: Liesgen

Mädchen, die von harten Sinnen,
Sind nicht leichte zu gewinnen.
Doch trifft man den rechten Ort,
O! so kömmt man glücklich fort.

Recitativo: Senhor Schlendrian & Liesgen

Senhor Schlendrian

Nun folge, was dein Vater spricht!

Liesgen

In allem, nur den Coffee nicht.

Senhor Schlendrian

Wohlan! so musst du dich bequemen,
Auch niemals einen Mann zu nehmen.

Liesgen

Ach ja! Herr Vater, einen Mann!

Senhor Schlendrian

Ich schwöre, dass es nicht geschicht.

Liesgen

Bis ich den Coffee lassen kann?
Nun! Coffee, bleib nur immer liegen!
Herr Vater, hört, ich trinke keinen nicht.

Senhor Schlendrian

So sollst du endlich einen kriegen!

És impossível, Liesgen!
É assim que me agradeces?

As raparigas casmurras
Não são fáceis de vencer.
Mas quando se acertar no alvo,
Oh! Então aí temos sorte.

Obedece ao que o teu pai te ordena!

Em tudo, menos no café.

Assim seja! Terás apenas de te habituar
à ideia
de que nunca vais ter um marido!

Oh sim! Senhor pai, um marido!

Pois juro-te: tal nunca acontecerá!

Até que eu abandone o café?
Certo! Café, desprezo-te para sempre!
Senhor pai, ouça, não voltarei a bebê-lo.

Então finalmente terás um marido!

Ária: Liesgen

Heute noch,
Lieber Vater, tut es doch!
Ach, ein Mann!
Wahrlich, dieser steht mir an!
 Wenn es sich doch balde fügte,
 Dass ich endlich vor Coffee,
 Eh ich noch zu Bette geh,
 Einen wackern Liebsten kriegte!

Recitativo: Narrador

Nun geht und sucht der alte Schlendrian,
Wie er vor seine Tochter Liesgen
Bald einen Mann verschaffen kann;
Doch, Liesgen streuet heimlich aus:
Kein Freier komm mir in das Haus,
Er hab es mir denn selbst versprochen
Und rück es auch der Ehestiftung ein,
Dass mir erlaubet möge sein,
Den Coffee, wenn ich will, zu kochen.

Coro/Terceto

Die Katze lässt das Mäusen nicht,
Die Jungfern bleiben Coffeeschwestern.
 Die Mutter liebt den Coffeebrauch,
 Die Großmama trank solchen auch,
 Wer will nun auf die Töchter lästern!

Hoje mesmo,
Querido pai, faça-o hoje!
Ah, um marido!
Na verdade, é o que eu necessito!
 Se ao menos pudesse ser já,
 para que, finalmente, em vez do café,
 antes de ir para a cama,
 eu tenha um amante valoroso!

Agora o velho Schlendrian vai procurar,
para a sua filha Liesgen,
conseguir rapidamente um marido;
Contudo, Liesgen faz saber em segredo:
«Nenhum pretendente entrará na minha
casa,
se ele próprio não me prometer,
e não estiver incluído no contracto de
casamento,
que me será permitido
fazer café sempre que me apetecer».

O gato não larga o rato,
tal como as donzelas não largam o café.
 Se a mãe adora café,
 e a avó também o bebe,
 quem pode, então, condenar as filhas!?

Tradução **Fernando Miguel Jalôto**

Hugo Oliveira

Barítono

Estudou na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, enquanto bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no Real Conservatório da Haia (Países Baixos). Foi galardoado com o primeiro prémio no III Concurso da Fundação Rotária Portuguesa, bem como vencedor do Stichting Nederlands Vocalisten Presentatie nos Países Baixos. Foi também laureado com o 3.º prémio no Concurso Luísa Todi (2011) e finalista do concurso London Bach Society em Inglaterra (2008). Cantou *Gloaz* de Marcello, com direção de Richard Gwilt; *L'Ivrogne Corrige* (Lucas) de Gluck com direção de Jeff Cohen; e *Frankenstein!* de Heinz-Karl Gruber dirigido por Pierre-Andre Valade e François-Xavier Roth, no Barbican Centre de Londres. Na prestigiada série de ópera do Concertgebouw Amsterdam interpretou *La Wally* de A. Catalani (Pedone) e *Sansão e Dalila* de Saint-Saens (2nd Philistin), ambas sob a direção de Giuliano Carella, e *Lohengrin* de Wagner (Dritte Edler), dirigido por Jaap van Zweden. No Festival de Aix-en-Provence, Hugo Oliveira foi o protagonista da ópera *Un Retour* de Oscar Strasnoy. Interpretou também *As Bodas de Fígaro* (Fígaro) sob a direção de Young-min Park; *Les malheurs d'Orphée* de D. Milhaud (Orphée) com a Ebony Band; *Melodias Estranhas* de António Chagas Rosa

com Stefan Asbury; *Paint me* (Howard) de Luís Tinoco, dirigido por Joana Carneiro, *L'Enfant et les Sortilèges* (Fauteuil) sob a direção de Wayne Marshall; *Dido e Eneias* de Purcell (Eneias); *Venus and Adonis* (Adonis) de John Blow; *Le Carnaval et La Folie* de Destouches (Momus) e *Rappresentatione di Anima et di Corpo* de Cavalieri (Anima Dannata) com o *ensemble* L'Arpeggiata (liderado por Christina Pluhar). Mais recentemente interpretou o *Orfeu* de Monteverdi (Plutone) com o Divino Sospiro (Enrico Onofri) e a mesma ópera, como Caronte, com o Ensemble Akademia (Françoise Lasserre). Na oratória destacam-se o *Requiem* de Mozart sob a direção de Michel Corboz; *Die Legende von der Heiligen Elisabeth* de Liszt, com Gennadi Rozhdestvensky; o *Requiem* de Brahms dirigido por Marcus Creed; *Pulcinella* de Igor Stravinsky; cantatas de J. S. Bach sob a direção de Ton Koopman; e a *Paixão segundo S. João* de Bach com a Orquestra do Século XVIII (Franz Bruggen). Hugo Oliveira trabalhou ainda com Jordi Savall (Les Concert des Nations), Jos van Veldhoven (Nederlands Bach Society), Paul Dombrecht (Il Fondamento), Bruno Weil (Wallfisch Band), Klaas Stok (Concerto d'Amsterdam), Gabriel Garrido (Ensemble Elyma), Keneth Weiss, Nigel North, Laurence Cummings e Christophe Rousset.



© Susana Neves

Eduarda Melo

Soprano

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE) do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música e o elenco do prestigiado Centre National d'Insertion Professionnelle d'Artistes Lyriques em Marselha. Foi galardoada com o 2.º prémio do concurso internacional de Toulouse. É convidada para numerosos festivais na Europa e canta sob a direção de maestros tais como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus, Antonello Allemandi em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marseille, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa). Em ópera destacam-se os papéis de Soeur Constance (*Dialogues des Carmelites*), Corinna (*Il Viaggio a Reims*), La princesse Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pascuale*), Musetta (*La Bohème*), Despina (*Così Fan Tutte*), Erste Dame (*A Flauta Mágica*), Rinaldo (*Armida* de Myslivecek), Stéphanos (*Romeu e Julieta*), Frasquita (*Carmen*),

Gabrielle (*La Vie Parisienne*), Valencienne (*La Veuve Joyeuse*), Noémie (*Cendrillon*), Spinalba (*La Spinalba*), Fedra (*L'Ippolito* de F. A. Almeida), Ascanio (*Lo Frate Nnamorato*), Zemina (*Die Feen*), Vespina (*L'Infedeltà Delusa*), Eurídice (*Orfeu e Eurídice*) e Elle (*A Voz Humana*). No âmbito da música contemporânea tem participado em criações de António Pinho Vargas, Nuno Côrte-Real, Luís Tinoco e Nuno da Rocha. No âmbito da música antiga colabora regularmente com Le Concert de la Loge (Julien Chauvin), Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.

André Lacerda

Tenor

É licenciado em Música pela Universidade de Aveiro, onde estudou com I. Alcobia. Trabalhou ainda com A. Moura, J. Henriques, C. Meireles, M. Pais, P. Mak, S. Waters, N. Dias, J. Lourenço, J. Mota, A. Chagas Rosa e J. P. Santos. Atualmente, frequenta o mestrado em Interpretação Artística na ESMAE com A. Salgado. Integra a formação base do Coro Casa da Música, onde trabalha com maestros como P. Hillier, L. Cummings, O. Elts, Ch. König, M. Jurowski, B. Brönnimann, G. Rose e N. Fink. Colabora regularmente com o Ludovice Ensemble (F. M. Jalôto) com quem se apresentou em concertos no CCB, Fundação Gulbenkian e vários concertos em Portugal, Espanha e Bélgica. Em Oratória e Concerto foi solista em: *Magnificat* de Bach;

As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz de Haydn; *Dichterliebe* de Schumann; *Vésperas* de Rachmaninoff (sob a direção de P. Hillier); *Paixão segundo S. João* e *Paixão segundo S. Mateus* de Bach; *Vesperae solennes de confessore* de Mozart; *Oratório de Noël* de Saint-Saens (dirigido por A. V. Lourenço); *Missa em Ré Maior* de Dvořák (sob a direção de M. Lutz); *Serenade* de Britten (dirigido por E. Schelle); *Requiem* de Mozart; e *Missa S. Nicolai* de Haydn. Em ópera, André apresentou-se em *As Bodas de Fígaro* e *Bastien und Bastienne* de Mozart, *Orfeu nos Infernos* de Offenbach, *O pequeno limpa-chaminés* de Britten, *Madama Butterfly* e *La Bohème* de Puccini, e *O Rapaz de Bronze* de N. Côrte-Real. No campo do Teatro Musical, André interpretou *West Side Story*, *Fiddler on the Roof*, *Jesus Christ Superstar*, *Annie*, *O meu pé de laranja lima* e *O Feiticeiro de Oz*.

Fernando Miguel Jalôto

Cravo, direção artística e comentários

Estudou Cravo, Música Antiga e Práticas Históricas de Interpretação no Conservatório Real da Haia (Países Baixos) com Jacques Ogg. Frequentou *masterclasses* com Gustav Leonhardt, Olivier Baumont e Ilton Wjuniski. Estudou também órgão barroco e clavicórdio, como bolsheiro do Centro Nacional de Cultura. É Mestre em Música pela Universidade de Aveiro e Doutorador

em Ciências Musicais/Musicologia Histórica pela Universidade Nova de Lisboa, tendo sido bolsheiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É fundador e diretor artístico do Ludovice Ensemble, um dos mais ativos e prestigiados grupos nacionais de Música Antiga. Em Portugal, é membro do Ensemble Bonne Corde e da Real Câmara Baroque Orchestra e colaborou com grupos especializados internacionais tais como Oltremontano, La Galanía, Vox Luminis, La Colombina e Capilla Flamenca, entre outros. É músico convidado da Orquestra Gulbenkian e foi membro da Orquestra Barroca Casa da Música. Apresentou-se em inúmeros concertos e recitais em toda a Europa, Israel, China e Japão. Gravou a solo, música de câmara e orquestra para as editoras Harmonia Mundi, Glossa Music, Passacaille, Ramée/Outhere, Brilliant, Dynamic, Parati, Anima & Corpo, Challenge, MPMP, Conditura e Veterum Musica, bem como para as rádios portuguesa, alemã, estónia e checa, e para os canais televisivos Mezzo, Arte e RTP. Dirigiu grandes obras do repertório barroco em salas como a Gulbenkian e o CCB, e em festivais internacionais como Utrecht, Bruges e Antuérpia. Como *maestro al cembalo* foi convidado a dirigir a Jerusalem Baroque Orchestra e o Ensemble Mezzo (Israel), o Croatian Baroque Ensemble, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras e a Sinfonietta de Braga, sendo ainda maestro e tutor dos cursos de Ópera e de Oratória Barroca de Benslow, no Reino Unido.



Ludovice Ensemble © DR

Ludovice Ensemble

O Ludovice Ensemble é um grupo especializado na interpretação de Música Antiga, sediado em Lisboa, e criado em 2004 por Fernando Miguel Jalôto e Joana Amorim, com o objetivo de divulgar o repertório de câmara vocal e instrumental dos séculos XVII e XVIII através de interpretações historicamente informadas e usando instrumentos antigos. O nome do grupo homenageia o arquiteto e ourives alemão Johann Friedrich Ludwig (1673-1752), conhecido em Portugal como Ludovice. O Ludovice Ensemble está presente regularmente em Portugal nos principais festivais nacionais, bem como nas duas principais salas de Lisboa: o CCB e a Fundação Calouste Gulbenkian. Apresentou-se no estrangeiro nos mais prestigiantes festivais de música antiga em Espanha, França, Bélgica, Países Baixos, Irlanda, República Checa, Estónia e Israel. Gravou ao vivo para a RDP-Antena 2, Rádio Nacional Checa (ČRo) e para a Rádio Nacional da Estónia, bem como para o canal de televisão francês MEZZO. O seu primeiro CD, para a editora franco-belga Ramée/Outhere, foi nomeado em 2013 para os prestigiados prémios ICMA na categoria de Barroco Vocal. Em 2020, lançou um álbum duplo com obras dos irmãos Graun para flauta e cravo obrigado, pela editora inglesa Veterum Musica e em 2023 outro duplo CD dedicado à música

de câmara dos Avondanos, para o MPMP. Do seu trabalho destacam-se grandes obras de música sacra de Monteverdi, Bach, Charpentier, Rameau e A. Scarlatti, bem como óperas de F. Caccini, Lully, Charpentier, Bourgeois e Purcell. Espetáculos recentes incluem uma antologia de música portuguesa, desde as *Cantigas de Amigo* até Lopes-Graça em Telavive (Israel); a *Oferenda Musical* de Bach no Festival de Marvão; as *Leçons de Ténèbres* de De Lalande no Festival Arte Sacro de Bilbao; e uma digressão de concertos em Espanha com música francesa, incluindo a Quincena Musical de San Sebastián, o Festival de Santander, e os festivais de música antiga de Aranjuez, Sevilha, Madrid, Sória e Jaca. Recentemente, levou a sua versão das *Quatro Estações* de Vivaldi ao Coliseu do Porto e ao CCB. Em 2024, torna a Espanha para mais concertos em Madrid, Cuenca e Pirenéus Catalães, estreia-se no Festival de Sintra com a recuperação moderna da oratória *Maria Vergine al Calvario* de G. M. Schiassi, regressa aos festivais de Música Sacra de Guimarães e de Órgão de Mafra, e apresenta vários outros concertos em Faro, Vila do Conde e no Santuário de Fátima. Desde 2021 realiza em Aveiro a Academia Ludovice, um inovador festival e curso de verão dedicado às práticas históricas interpretativas da música, dança e teatro barrocos.

JÁ A SEGUIR

3 NOV

CICLO CONCERTOS COMENTADOS

VENTOS DO OCIDENTE: MÚSICA CORAL DO SÉC. XX
ENSEMBLE MPMP

Neste concerto em formato de antologia escutamos música europeia para coro *a capella*, proveniente de Portugal, Espanha, França e Inglaterra, de sonoridade muito variada e que compreende o período de 1905 até 1983. Do contraste contínuo entre novo e o antigo sucedem-se excertos com traços regionais como escalas e ritmos andaluzes, melodias antigas de natureza arcaizante, recitação, *word painting* e uma grande variedade de técnicas de composição moderna – dissonâncias, relações não funcionais de acordes, harmonia cromática, atonalidade e dodecafonismo. Há linhas comuns que se ouvem recorrentemente: a linguagem modal, a escrita vocal madrigalesca, a clareza no tratamento do texto e da prosódia, e naturalmente, sendo este repertório da Europa atlântica, a frequente temática alusiva à água e aos temas marítimos.

Domingo, 11h00
Pequeno Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

